

Hormônio de crescimento pode ser inadequado

Baixa estatura dos filhos leva pais a pedir para médicos receitas de indicação restrita

LÍGIA FORMENTI

O sonho de ver um filho alcançar estatura média ou alta faz com que muitos pais pressionem pediatras e endocrinologistas a receitar hormônios de crescimento. A terapia — além de muito cara — na maioria dos casos é inadequada. O medicamento é indicado apenas para crianças que apresentem uma baixa produção do hormônio, batizado de GH.

“É difícil convencer os pais de que o remédio tem indicação restrita”, desabafa o professor e chefe da disciplina de Nutrição da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Mauro Fisberg. Segundo ele, apenas 5% dos casos de distúrbio do crescimento são provocados pela baixa produção do hormônio. “Antes de dar o medicamento, é necessário fazer uma investigação minuciosa”, adverte a professora associada de pediatria do Instituto da Criança da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), Nuvarte Setian.

Há razões de sobra para esses cuidados. A terapia tem um custo elevado — R\$ 1.200,00 mensais. Além disso, submete o paciente a injeções subcutâneas diárias, durante vários anos. Em caso de crianças sem problema na produção do GH, o tratamento não mostrou ser eficaz. “Até hoje não foi comprovado que crianças sem deficiência de hormônio tenham alcançado altura superior à que teriam se não houvessem tomado a medicação”, diz a professora livre-docente da FMUSP, Berenice B. Mendonça. Segundo ela, a hipótese mais provável é a de que, com o remédio, os menores saudáveis apenas alcancem mais rapidamente a altura que teriam.

Razões — Distúrbios do crescimento são provocados por diversos fatores. De acordo com Fisberg, na maioria das vezes o que ocorre é uma associação de causas. O problema pode começar ainda na vida intra-uterina, nos casos de bebês cujas mães têm uma alimentação inadequada, são alcoólatras ou fumantes inveteradas. A baixa estatura da criança ao nascer (menos de 48 centímetros) já pode ser um indicio de que algo não vai bem.

Outro ponto que tem de ser observado é o funcionamento da glândula tireóide. “Ela exerce papel fundamental no crescimento nos primeiros quatro anos de vida”, afirma Berenice. Disfunções da tireóide, no entanto, dificilmente passam despercebidas. Elas podem ser detectadas precocemente, desde que realizado o “teste do pezinho”.

A desnutrição é uma das causas mais comuns do distúrbio do crescimento. “Ela ocorre não só em classes econômicas menos privilegiadas, mas atinge também a classe média e alta”, alerta Fisberg. Por isso, é imprescindível cuidar da qualidade dos alimentos dados à criança. A dieta tem de ser equilibrada e conter proteína, gorduras, calorias, sais minerais e água.

A professora Nuvarte afirma ainda que, muitas vezes, a desnutrição é decorrente de doenças crônicas, não da falta de alimentação. “Por isso, essa hipótese nunca deve ser afastada.” Alguns distúrbios, como a má-absorção intestinal, insuficiência renal, verminose e infecções repetidas também podem levar ao retardo do crescimento. A carga genética também tem de ser observada. Filhos de pais com estatura baixa dificilmente serão altos.

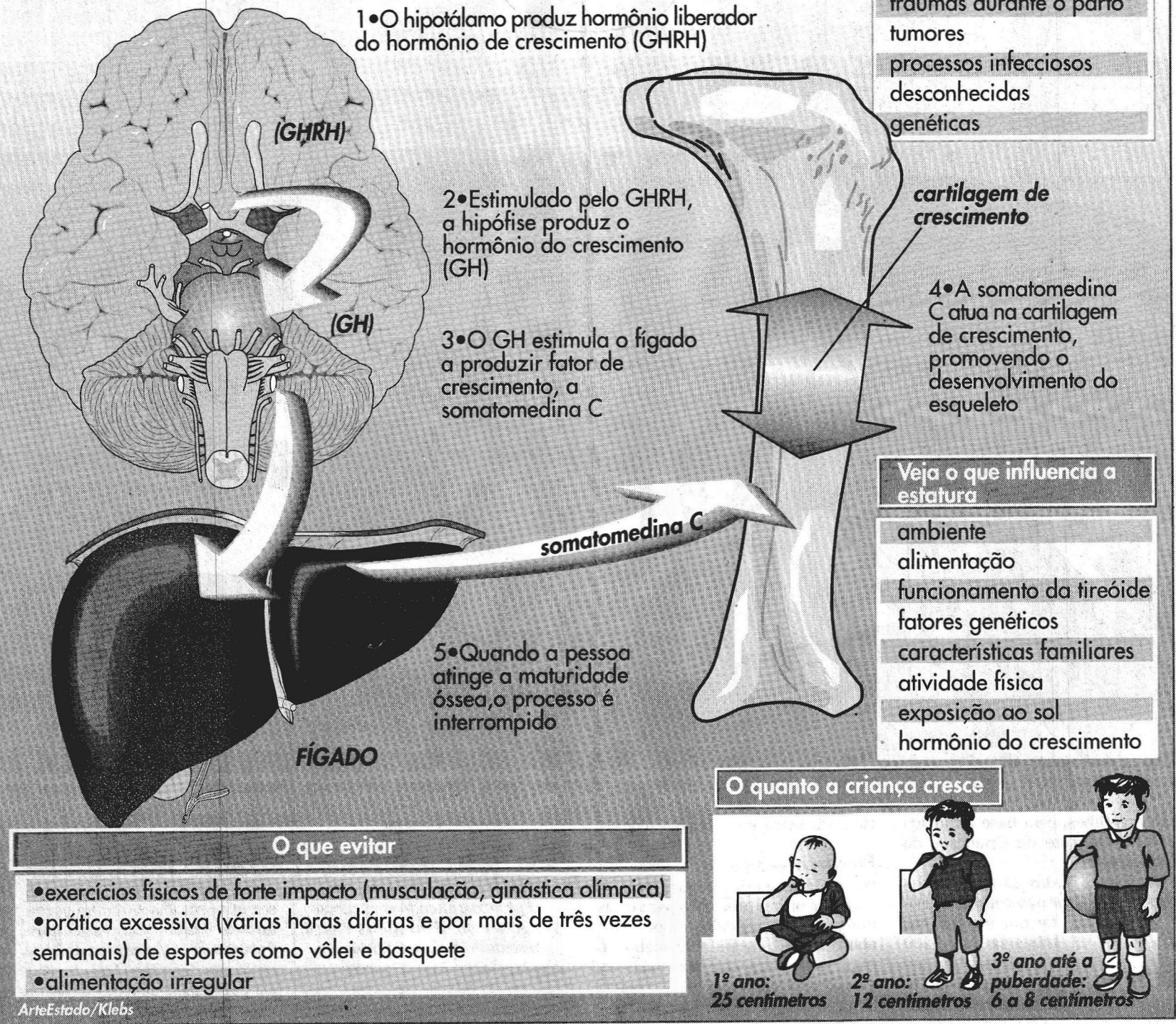
Eliminadas todas essas possibilidades, é preciso checar os níveis de hormônios. São vários os testes realizados. O diagnóstico clínico, porém, é de grande importância. “A criança com disfunção na produção do hormônio geralmente apresenta voz fina e gordura localizada”, explica Nuvarte.

Quando o problema é detectado, o uso de hormônios de crescimento é indispensável. “Quanto mais cedo começar a terapia, maiores serão as chances de a criança chegar a uma estatura adequada”, afirma Berenice. O tratamento não tem objetivo estético apenas. “É preciso dar a essas crianças recursos para que elas tenham tamanho suficiente para executar uma série de atividades.” Além disso, a ausência do hormônio, em casos extremos, pode levar a convulsões e outros problemas segundo a médica.

Berenice explica que a deficiência do GH pode ser de dois tipos. “Há crianças que trazem a disfunção desde o nascimento, por problemas genéticos ou sem causa definida.” O distúrbio também pode vir como seqüela de problemas no parto, traumatismos cranianos ou tumores.

O consultor da seção de Saúde do “Estado” é o cardiologista Wagner Ibrahim, do Instituto do Coração

COMO OCORRE O PROCESSO



Garoto era confundido com criança pequena

Com 1,5 ano de idade, Diego apresentava peso e tamanho correspondentes ao normal aos 6 meses

Diego de Melo Barbato tem 14 anos e 1,43 metro. A altura ainda é considerada um pouco baixa, comparada com padrões normais (1,53 metro). Mas, para ele, essa estatura já é uma grande conquista. Seu organismo não produz o hormônio de crescimento e, antes de iniciar o tratamento com GH artificial, seu tamanho era muito inferior ao de crianças de sua idade. “Ele era confundido com crianças pequenas, em todos os lugares que ia”, lembra a mãe, Neide Tomaz de Melo.

Para ter uma idéia, quando o menino tinha 1,5 ano, ele apresentava peso e tamanho de criança de 6 meses. Inteligente, ativo, Diego sempre cativou as pessoas. “Com tudo isso, ele era muito paparicado”, conta Neide. O distúrbio de Diego foi diagnosticado aos 2 anos. O tratamento, no entanto, foi iniciado somente em maio de 1990.

“Foi uma época dura, em que tive de lutar muito para obter o remédio”, diz Neide. Há alguns anos, conta, as famílias de crianças com problemas na produção do hormônio tinham de enfrentar a falta de remédio e as longas filas para o início do tratamento.

Atualmente, a situação já está um pouco melhor”, constata Neide. Na época, para tentar mudar a situação, Neide reuniu-se com mães de crianças com o mesmo problema. O movimento foi o embrião do Grupo Crescendo, que reúne familiares com disfunção na hipófise. “Hoje a pressão é grande e, quando há notícia de que o remédio poderá faltar, a mobilização já começa.” O medicamento, por ser muito caro, é fornecido pelo governo para as crianças que não produzem o hormônio.

Depois que iniciou o tratamento, a

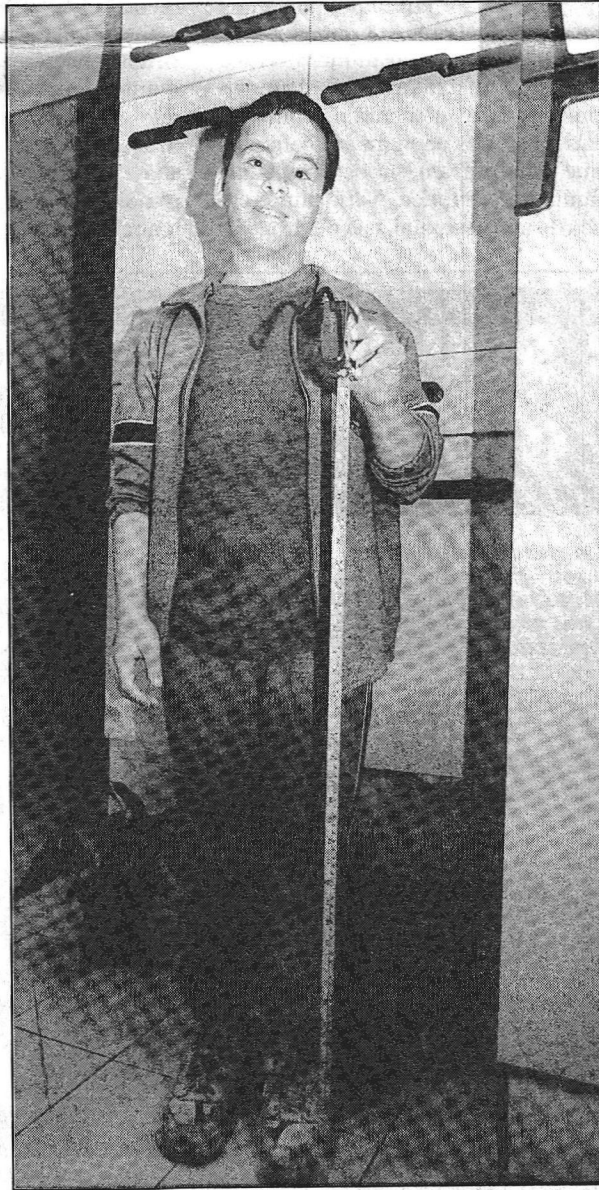


Diego (esq.) ao lado de um amigo, quando ambos tinham 8 anos, e hoje (esq.), aos 14 anos, com 1,43 m

evolução de Diego foi espantosa. “Ele crescia 0,5 centímetro a cada oito meses”, diz. “Na primeira dose do remédio, essa média saltou para 2 centímetros.” A mudança foi tão rápida que até Diego teve dificuldades em lidar

com o assunto. “Quando ele começou a ganhar altura, passou a ser tratado como um menino de sua idade”, afirma a mãe. Para auxiliá-lo a passar por esse período com mais tranquilidade, Neide recorreu a um tratamento psicoló-

gico. “Hoje ele está muito bem, já vê vantagens em deixar de ser criança e se tornar um adolescente”, diz. “Não ligo de tomar o remédio todos os dias; o importante é que terei logo, logo uma altura legal”, completa Diego.



PÍLULAS

Amendoim na gestação favorece reação alérgica

LONDRES — Um número cada vez maior de crianças desenvolve alergia a amendoim e um dos motivos pode ser o fato de as mães consumirem esse alimento na gravidez, alertaram especialistas. A alergia a amendoim é uma das causas mais comuns de reação alérgica fatal por alimento. Em casos extremos, uma pequena quantidade é suficiente para provocar a reação. O médico Jonathan Hourihane, do Southampton General Hospital, de Londres, fez testes com 622 adultos e crianças com suspeita de alergia. E concluiu que o problema é mais comum do que se supõe: “A pesquisa sugere que muitas crianças estão sendo expostas a causadores da alergia associada ao amendoim ainda no útero ou por meio do leite materno.”

Droga antimalária pode causar pesadelo

LONDRES — Uma droga utilizada comumente contra a malária, a mefloquina, pode causar pesadelos, tontura e outros efeitos colaterais potencialmente sérios e deve ser prescrita com cautela. Tais efeitos são mais comuns do que se supõe e podem atingir até 40% dos pacientes que tomam esse remédio, alertou o médico Paul Clarke, da Escola de Medicina Tropical e Higiene de Londres. “O estudo mostrou que 40% dos viajantes que tomam mefloquina, cloroquina e proguanil podem experimentar algum tipo de efeito colateral adverso”, escreveu o especialista. Uma em cada 140 pessoas que tomaram mefloquina sofreram problemas neurológicos ou psiquiátricos, como ansiedade, depressão e alucinações.

Citomegalovírus prejudica angioplastia

WASHINGTON — Cardíacos operados por angioplastia correm risco maior de ter as coronárias novamente bloqueadas se estiveram infectados pelo citomegalovírus-CMV, da família do herpes. A angioplastia é um procedimento comum de desbloqueio de artérias, por meio de uma sonda. Em 20% a 50% dos casos a operação tem de ser repetida seis meses mais tarde porque as artérias voltam a entupir (restenose), por razões ainda não conhecidas. Estudo do Instituto Nacional do Coração, Pulmão e Sangue dos EUA identificou o citomegalovírus como fator de risco para esse re bloqueio arterial. Esse vírus pode permanecer em estado latente no organismo.

Modelo animal ajudará a estudar efeito da Aids

WASHINGTON — Pesquisadores da Universidade de Omaha (Nebraska) prepararam um primeiro modelo animal para estudar os efeitos do vírus da Aids sobre o cérebro humano, características da fase terminal da doença. O modelo permitirá, pela primeira vez, por à prova remédios que penetrem na rede de vasos capilares que irrigam o cérebro e combatam os efeitos do vírus, ou “loucura da Aids”, explicou o diretor da equipe de Omaha, Howard Gendelman. O modelo foi obtido implantando células infectadas no cérebro de ratos. “O novo modelo constitui um grande avanço, porque a loucura da Aids em ratos é idêntica à humana”, afirmou o médico.

Substância de ouriço mata célula cancerosa

TÓQUIO — Cientistas da Faculdade de Medicina de Sapporo, na ilha japonesa de Hokkaido, descobriram que os intestinos do ouriço do mar contêm uma substância capaz de matar as células cancerígenas. Segundo o jornal *Mainichi*, o grupo de cientistas do Instituto Marinho de Biomedicina, da Faculdade de Sapporo, considera que essa substância pode ser a base de um novo remédio contra o câncer, mas ainda serão necessários dez anos de pesquisas. Os pesquisadores injetaram oito doses de 0,1 miligrama de glocolípido extraído do intestino do ouriço num rato contagiado por câncer. De acordo com Hiroeki Sahara, o experimento foi um êxito, matando as células cancerosas sem produzir efeitos colaterais.